

Museu do Trajo de São Brás de Alportel Centro de Documentação

In Como Trajava o Povo Português, INATEL 1991
José Cunha Duarte, pp 129 - 141

Etnólogos e estudiosos elegeram desde sempre a região do Algarve como matéria complexa, susceptível de polémicas e equívocos, nomeadamente no que se refere à autenticidade dos seus trajes.

É sobre esse aspecto que escrevia, nos inícios de noventa, J. J. Nunes, in «Arte Popular em Portugal», obra do Dr. Alfredo Athaide.

«Nada mais incaracterístico do que o vestuário no Algarve, sem uma única nota típica, sem o mínimo tom de originalidade. Verdade seja que o mesmo se dá por esse mundo fora onde a civilização — eu chamar-lhe-ia antes selvageria — vai lançando para o montão das coisas velhas esses trajes de cores variegadas e de feitios tão diversos que faziam a alegria e o encanto dos nossos avós. A moda, esse tirano, como todos, grosseiro e cruel, que empurra desapiedadamente tudo quanto na sua passagem se opõe aos seus caprichos tolos e estúpidos, levou de vencida o antigo trajar, na sua maioria, duma beleza verdadeiramente fascinante, e substituiu-o por coisas sem gosto nem graça.

E, já mais recentemente, Matos Sequeira faz a seguinte síntese do vestuário popular no Algarve: «A grei algarvia pertence ao tipo escuro da população nacional. A cor não lhe apetece. Veste de negro sem garridice. De tamancos de ourelo (cloques), chapeirão negro, homens e mulheres (que a carapuça só na serra se usa), no seu trabalho do mar ou da terra, consertando as redes, ajeitando, numa tecelagem singela, alcofas, golpelhas, ceiras e chapéus com enfeites de guarnições e flores coloridas, a jovialidade nunca se lhe traduz no rosto e o seu falar cantando e contínuo marca a soturnidade dos agarenos».

De José Guerreiro Murta recebeu Leite de Vasconcelos o seguinte estudo sobre o trajo algarvio, datado de 10 de Abril de 1917:

Se o trajo designa sempre a forma de sentir de um povo, o povo algarvio que é alegre e falador, e além disso está habituado a uma luz lindíssima, devia escolher para seu uso tecidos de cores vivas e vibrantes que acompanhassem a Natureza no seu cantar perpétuo. Mas não; os homens escolhem *roupas* escuras, denunciando evidentemente um sentimento de seriedade e de ponderação. As mulheres preferem também as vestes escuras e não de cores garridas como as do Norte. Em

todo o caso difere um pouco do homem; e nem admira, porque ela é, e há-de ser eternamente, amiga do luxo e das extravagantes modas (...).

(...) Hoje a camponesa do Algarve ou *montanheira*, como lhe chamam, obedece quase aos caprichos do figurino como uma dama da



cidade, havendo já nas suas vestes um *quid* de bom gosto. O que há, no entanto, que revela falta de graça, de beleza e de elegância é o bioco. O bioco é uma farpela inquisitorial, usada apenas em Olhão por algumas dezenas de pessoas de classe baixa. A sua cor negra e sepulcral é um escárnio do lindo azul do céu e do mar e é, sem dúvida, uma gargalhada do Demónio a uma obra admirável do Rei da Natureza — o Algarve. O bioco é um traje verdadeiramente extraordinário. É um capote pesado e comprido, que encobre o corpo até aos pés. Este capote, que é de farto



Mulher do bioco.

cabeção, é encimado por xale preto, que se põe sobre a cabeça e se enrola em forma pontiaguda, formando em frente do rosto um tubo cónico terminando por um orifício. É através dessa abertura que a mulher, que do mundo se esconde, nele lança o seu olhar curioso. A psicologia que o bioco encerra é deveras interessante. É ele que encobre a mulher que deseja ir à igreja assistir a certo casamento para, ao sol-posto, sentada à sua porta, contar às vizinhas o que viu. É ele que encobre a beata que quer andar sempre à roda dos santos. E é também ele que esconde a pobre viúva, que estende com vergonha a mão à caridade!

O homem, exactamente como a mulher, tem dois trajes: um de *domingo* e outro de *trabalho*. O do domingo consta de chapéu fino como o das mulheres, jaqueta, colete, calça, camisa e ceroulas. No traje de trabalho, o chapéu é grosseiro e a jaqueta é substituída por uma

camisola de riscado. A camisola é abotoada à frente; termina por uns punhos e tem, ao lado e em cima, uma algibeira onde põem o tabaco. A calça cai em boca-de-sino e o sapato é de cabedal branco e de sola grossa e cardada. Nas calças usam uns remendos, que têm quase sempre efeito decorativo. O remendo é sempre em *roupa* mais escura. Esta decoração é muito regional, não se pode dizer que fosse influenciada por algum outro povo. Recorda-nos, no entanto, o México. Os remendos, que a necessidade inventou certamente, dão-nos a impressão de uns safões. Terminam quase sempre em serrilha.

A camisa tem o colarinho pregado a si, e é em geral branca com uma goma leve.

Não usam gravata, a não ser em dias muito solenes, como dias de casamento, confissão, audiências, etc. A gravata é nos velhos uma fita estreita, preta, armando em laço sobre um colarinho de pontas grandes e voltadas, ou então um colarinho direito, aberto, muito decotado, mas sempre preso à camisa. Nos novos as gravatas são feitas com lenços de seda. Também ao pescoço usam eles um outro lenço enrolado. É um lenço bordado e marcado, que foi oferecido pela namorada. Com eles vão às festas, com eles vão às brincadeiras ⁽¹⁾ e ajudadas ⁽²⁾. O lenço é um ornamento de luxo como o raminho de manjerico que eles levam por detrás da orelha. Quase sempre esses lenços apresentam como enfeite o símbolo do amor – o coração. O lenço para os namorados tem muita significação. Na boca do povo ainda hoje se ouvem com sentimento alguma quadras já alteradas da poesia «O teu lenço», de Simões Dias:

O lenço que tu me deste
Tem dois corações ao meio:
Tu não descubras ao mundo
Donde este lenço me veio.

In «Etnografia Portuguesa» Livro III – Vida Tradicional Portuguesa, de J. Leite de Vasconcelos.

(1) São bailes que se realizam ao domingo, ao toque do harmónio ou do fole.

(2) Ajudadas ou ajudas são dadas geralmente por pessoas que têm milho para descumbar ou trigo para ceifar. Para isso convidam muitas pessoas conhecidas para fazerem esse serviço. As ajudas são sempre de tarde ou à noite. No fim da ajudada há uma espécie de ceia e em seguida uma brincadeira.

Do P. José da Cunha Duarte, missionário dos Padres do Espírito Santo, natural de Penafiel e pároco do Concelho de São Brás de Alportel desde 1981 («um algarvio de Penafiel»), reproduzem-se a seguir alguns dos textos, fruto de um levantamento etnográfico, que iniciou em 1982:

TRAJO ALGARVIO

O património etnográfico do algarve é rico e abundante. Porém, poucos o conhecem e estudam. Faltam sensibilidade e vontade para o preservar. O que se oferece ou divulga, nem sempre é genuíno e característico. O turismo de consumo favorece a perda da sua identidade.

O Centro Cultural e Social da Paróquia de São Brás de Alportel, consciente da necessidade e urgência de uma recolha etnográfica, iniciou em 1982 a ingrata e difícil missão de percorrer o seu concelho à procura do traje tradicional.

A ideia foi bem acolhida pela população. Depois atingiu todo o sotavento algarvio. Milhares de peças já foram recolhidas. Agora inicia-se o trabalho para a zona do barlavento.

Esta recolha encontra-se ao serviço da Casa da Cultura António Bentes, em São Brás de Alportel, que está a instalar o Museu Etnográfico do Trajo Algarvio.

Com o apoio do Instituto do Emprego e Formação Profissional, a Casa da Cultura António Bentes iniciou um curso de reprodução e restauro de traje tradicional. O grupo LINHAS DO TEMPO já reproduziu dezenas de fatos e restaurou algumas peças de valor, com o apoio do Museu Nacional do Traje.

Para divulgar este trabalho, inédito na região algarvia, e para sensibilizar a opinião pública, o museu já abriu sete salas ao público, apesar do imóvel aguardar as obras de restauro. Realiza ainda desfiles etnográficos, apresentando o traje tradicional já desaparecido.

É a partir da colecção existente no Museu que vamos descrever o traje tradicional. É um ensaio imperfeito. Necessita de um posterior aprofundamento.

Dividimos o Algarve em três zonas: A Serra, Campinas e Barrocal e o Mar. Temos ainda o traje burguês da Vila adentro.

A SERRA ALGARVIA

A vida da serra é dura e difícil. Respira-se em muitos sítios um ambiente comunitário nas «ajudadas», nas ceifas e guarda do gado. Os filhos começam a trabalhar ao lado dos pais muito cedo. Ajudam a criar os irmãos mais novos. Na escola não se fala e também não existe.

A mulher fia, tece e costura toda a roupa da família, para além das lides caseiras e agrícolas.

A lã e o linho são tecidos no tear manual. A lã branca é tingida com casca de noz, casca de cebola, romã, grã, flor da giesta e outras flores silvestres, pedra ume e pedra das minas de S. Domingos.

A mulher serrenha «brinca com os fios» tingidos e cria desenhos geométricos dando-lhe um cunho pessoal e original. Muitas vezes segue a tradição ancestral da família ou a moda copiada noutros Sítios vizinhos.

Os tecidos são depois usados indistintamente nas mantas da cama, saíotes, mantas de albardura, alforges e xairel. A lã escura é reservada para o fabrico do tecido soriano (ceriano). Os velos de lã são lavados na ribeira ou no pego, cardados com azeite, fiados, lavados, tecidos em tear manual e finalmente pisoados. Com este tecido a mulher confecciona as camisas para o Inverno, casacos, saíotes, aventais, lençóis de cama e o tradicional e característico gabão serrano.

O linho é usado nos dias festivos e nos dias de Verão.

Trajo de Trabalho

1 — O homem traz na cabeça o tradicional chapéu de pano grosso, chapéu de palha, no Verão. O chapéu de feltro, já gasto, é remendado com pano branco. Os mais velhos usam sempre *barrete* preto, de lã, tecido em tear manual, com pequena borla. No Inverno, lenço comprido de algodão, por cima do chapéu, atado debaixo do queixo, para o segurar. Nas ceifas coloca o lenço debaixo do chapéu com as pontas cruzadas para proteger o rosto do sol. Habitualmente anda com *lenço tabaqueiro* ao pescoço, no trabalho.

A *camisa* larga com cós alto, punho, peitilho e presilha, é de riscado, linho ou soriano, conforme a estação. No Inverno veste, por cima da camisa, grossa *camisola de lã* branca ou castanha. No Verão, colete de cotim por cima da camisa, que aperta com um nó à frente.

A *calça* larga de tecido grosseiro, de cor cinza ou castanha, com fundilhos, termina em boca de sino. É presa à cintura com *cinta* de lã ou algodão tecida em tear manual. No Inverno protege as pernas com «*grevas*» ou polainas, feitas de tecido grosseiro, soriano, cotim ou tecido oleado, atadas com fios de linho ou pequenos atilhos. Os mais abastados têm grevas de cabedal que apertam com fivelas. Ajustam-se às *botas* cardadas, de cabedal grosso. No Verão andam descalços. O rapaz calçava as primeiras botas quando ia para o servir militar.

As *meias* de lã ou algodão grosso, de 5 agulhas, têm barras de cor na parte superior e ficam a descoberto por cima das grevas. Porque feitas com os restos de lã ou linha, apresentam tons policromos e desencontrados.

No Inverno, veste *casaco* de cotim ou de lã (soriano) debaixo do seu *gabão*, peça de vestuário indispensável no tempo frio. O gabão é uma pequena capa de talhe direito e simples, muito primitivo e rústico, com capuz e às vezes cabeção, aperta à frente com um ou dois botões e cai até abaixo do joelho. Não tem algibeiras nem mangas.

As *ceroulas* são de pano branco de algodão, de baeta ou de tecido de soriano, atadas nos tornozelos com atilhos, têm dois botões atrás na presilha, para as fixar à cintura.

Transporta o seu jantarinho para o campo numa *tarreta* de cortiça (pequeno tacho circular com tampa e arco de madeira, onde coloca a panela com o grão ou o feijão). A tarreta conserva o jantar quente. Outros usam a *balsa*, feita de empreita, com tampa, que transporta ao ombro com um cordel de palma — a baracinha.

O *alforge* que leva ao ombro ou em cima da montada é de tecido soriano, normalmente de 3 fios (azul, preto e branco). É decorado com barra de lã vermelha, recortada e bordada com motivos vegetalista, em tons policromos. Por vezes tem monograma.

No Verão leva sempre consigo o tradicional *barril* de barro, pequeno cantarinho, com duas pequenas asas a que fixam uma corda e vai dependurado no carro. Aqui conserva a água fresca. Quando se desloca sozinho, leva à cintura um barril muito pequeno com a água.

Quando os filhos acompanham os pais entretêm-se a armar a *esparrela* aos pássaros (uma cana ou pau de aloendro, com fio e armadilha para prender a perna do pássaro). É colocada em cima dos arbustos silvestres.



O homem quando anda a tirar a cortiça veste calça de cotim, camisa de ganga escura, pequeno blusão do mesmo tecido e na mão o indispensável *machado*. No Verão trabalha em calções com alçapão e avental de cotim para proteger as pernas.

Quando guarda o gado, no Inverno, usa safões de pele de cabra. O homem e a mulher entretêm-se a fazer empreita.

2 – A mulher serrenha coloca o lenço de algodão ou de lã na cabeça, atado atrás e por cima dele o chapéu de pano ou de palha, de aba larga.

A *bata* (blusa) é de chita, riscado, baeta ou de tecido soriano. O talhe é simples, sem gola, com manga comprida e estreita, apertada com



um punho, assertoada com 5,6 botanitos. Usa-a dentro da *saia* de algodão escuro, de lã ou de estemanha (teia de algodão ou linho e trama de lã castanha). Normalmente tem um folho em viés no fundo ou nervuras. É franzida atrás que aperta com pequenas fitas. Desce até aos pés. Por cima da saia usa a tradicional *patrona* de pano de riscado ou cotim, tom escuro, onde guarda as chaves e o lenço.

O *avental* de trabalho, colocado por cima da saia, é comprido e muito largo para a proteger. Tem nos fundos um folho de viés e é atado à cintura por longas fitas do mesmo tecido, em viés.

Debaixo da saia usa, no Inverno, o *saiote* de soriano com desenhos geométricos ou saiote de lã (castorina) com fundos ornamentados com fitilho ou folho. Quando se desloca para o campo levanta a saia e deixa ver o garrido saiote. No trabalho desce a saia por causa do pó.

Debaixo da saia ou do saiote usa a *anágua* de pano branco de algodão ou de lã, tendo nos fundos nervuras ou pequena renda manual. O *corpete* e os *culotes* são de algodão branco e sem ornamentos. No laverno, veste ainda *camisa interior* de tecido soriano, ou de lã branca feita com grossa agulha de crochet. Não tem mangas, apenas uma pequena decoração no decote com motivos vegetalista.

A mulher serrenha gosta de trazer sempre o *xaile*. Se é casada ou viúva é de cor preta. As solteiras gostam de cores claras e de algodão, que traçam à cintura. As outras usam-no com o formato rectangular. Nos dias de chuva o homem e a mulher colocam em cima dos ombros o *Mantão*, feito de tecido soriano, de formato rectangular e cruzado à frente para proteger o peito do frio e da chuva e preso com o avental. Outros usam-no em bico, de formato triangular, traçado à frente cujas pontas caem até aos joelhos. O homem aperta o mantão com uma corda.

No tempo frio, toda a família veste o *gabão* de tecido soriano. Nos pés coloca *sapato* grosso de cabedal com sola cardada. No peito do pé tem uma pequena presilha. As *meias* de lã ou algodão grosso com barras de outra cor, muitas vezes feitas de restos de lã ou de algodão. Quando são de uma só cor têm barras na parte superior.

Nas ceifas imita a mulher alentejana no seu trajar. A saia é presa às meias formando calça, ou veste calça debaixo da saia.

Coloca no seu chapéu de pano flores silvestres e os dedos são protegidos com canudos de cana, geralmente enfeitados com desenhos. Quando vai para o campo coloca o xaile à cintura onde prende a foice. Para não se ferir mete uma rolha na ponta. Quando vai à água leva o *cântaro*, a *bilha* ou a *quarta* nos quadris, ou coloca-a deitada em cima da

cabeça. No Verão senta-se no poial, à porta de casa, onde fia e costura, faz empreita ou meia.

Traje Domingueiro

1 – Aos Domingos, dias festivos, quando vão à Vila ou ao mercado o homem e a mulher serrenha vestem com mais cuidado.

O homem usa *chapéu de feltro*, de aba larga e redonda. A *camisa* de algodão branco ou de linho, com peitilho do mesmo tecido e cheio de nervuras e sem colarinho.

Veste calça, colete e jaqueta, de fazenda de lã preta ou surrobeco de cor castanha ou cinzenta. Os mais abastados usam jaqueta de astracã preta ou castanha.

A *calça* é à boca de sino. A *jaqueta* tem algibeiras oblíquas, assertoada com 5,6 botões e é debruada com fita de algodão acetinada. Na algibeira superior coloca um lençinho branco, todo bordado, que coloca debaixo dos joelhos quando entra na Igreja. Na algibeira inferior coloca o lenço tabaqueiro deixando uma ponta de fora. As cadenas de ouro do relógio, no colete, testemunham o seu poder económico.

No Inverno veste *varino* de lã preta. É comprido, com cabeção, gola de veludo, assertoado com botões, semelhante ao capote alentejano. Não tem mangas. Os braços são protegidos com amplas abas soltas. É debruado a fita de lã ou fita acetinada. Na mão leva o inseparável bordão ou cajado.

Nos pés coloca *bota* fina de pelica e *meia* de lã ou algodão com barras na parte superior.

No fim do séc. XIX vestia o gabão de soriano forrado a encarnado o que lhe dava uma certa beleza.

2 – A mulher serrenha ao Domingo e dias de ir à Vila, veste *bata* (blusa) de algodão ou chita. É a peça do vestuário onde mostra a sua vaidade e originalidade. É cintada com aba por fora da saia. Ornamentada com nervuras no peito, nos dias mais festivos é decorada com rendas, a imitar os fatos da burguesia. É assertoada com 5,6 botões.

A *saia* de algodão, de linho grosso ou de estemanha desce até aos pés com franzido atrás e fazendo pequeno *«tournure»* o que lhe dá graciosidade no andar.

Debaixo da saia leva a *patrona* de algodão branco onde coloca o lenço e o dinheiro dentro do lenço ou pequena bolsa de crochet.

Nos fundos tem um ou dois folhos de viés, do mesmo tecido, barra de veludo ou fita acetinada. Debaixo da saia, no Inverno, coloca rico *saiote* de confecção manual, de tecido soriano ou castorina de cores garridas. Tem pequeno folho ou decoração com fitilho. O *saiote* de soriano tem desenhos geométricos e sem qualquer decoração.

Quando se desloca à Vila, leva a saia dobrada na mão ou levanta a saia deixando a descoberto o lindo *saiote*. Debaixo do *saiote* ou da saia usa *anáguas* de pano de algodão branco com fundos decorados com intermeios e renda manual ou folho com nervuras.

O *corpete* e os *culotes* são de pano de algodão branco, bordados nas pernas ou com recortes de outro tecido colorido. Abertos nos lados apertam com atilhos. O *corpete* interior é bem cintado, com nervuras, em rendas ou intermeios e normalmente com monograma a ponto de cruz, de cor vermelha.

Na cabeça coloca lenço de seda, de algodão ou lã de tons claros, atado debaixo do queixo. Por cima leva o tradicional *chapéu fino* com pena de pavão. Quando solteira a mulher não gosta de usar chapéu.

Para a Missa não leva *avental*. Porém, quando se desloca à Vila ou ao mercado usa-o comprido e estreito, muitas vezes tecido no tear e decorado com pequeno folho no fundo. Nos bailes não usa nem chapéu, nem lenço na cabeça. A rapariga solteira nos bailes usa colorido *aventalinho*, comprido, bordado à mão ou *avental* branco decorado com renda e intermeios, onde revela todo o seu engenho. É peça de luxo.

Para a casada e viúva o *xaile* é peça de vestuário de luxo. Leva-o sempre. Predomina a cor preta, mesmo no Verão. É sinal de distinção. Pode ser de lã, merino, peluche ou de seda, com cadilhos compridos. Usa-o de formato rectangular. No Verão leva-o dobrado rectangularmente no braço esquerdo e a sombrinha aberta.

O *sapato* ou *bota* é de pelica fina com botões ao lado. As meias são de algodão com barras horizontais de cor garrida.

Pelo Natal, Páscoa e casamento substitui a bata por um fino *casaquinho* igual à saia, com peitilho e cós alto, todo decorado com intermeios ou rendas manuais, a imitar a burguesia da época.

No Inverno a mulher serrenha veste *manto* ou *capote* comprido, de cor preta ou castanha, com largo cabeção e debruado a fita de lã preta ou verde, muito tradicional em todo o país.

Quando sai de casa leva na mão *bolsa* de retalhos. Nos dias de festa leva bolsa de pano preto com o fundo circular e atado com cordão de seda colorido. Usa ainda bolsa de linha colorida, feita com 5 agulhas, de forma cilíndrica com a base afunilada. Aperta com cordão da mesma cor.

CAMPINAS E BARROCAL

Há uma certa identidade no campo etnográfico entre as zonas das campinas e o barrocal algarvio. Os camponeses vivem e trabalham nas campinas e os montanheiros no barrocal.

Os camponeses vivem da agricultura e trabalham também no mar para sobreviverem. Na Primavera saem para as mondas, no Verão deslocam-se para as ceifas. Nos meses de Julho a Outubro trabalham nas marinhas de sal. No fim do Verão apanham a amêndoa, alfarroba, figo e azeitona. No Inverno vão às pinhas que vendem nos mercados e ao mar apanhar a morraça, a amêijoa e o berbigão.

Os montanheiros do barrocal dedicam-se à agricultura e estão fixados nos sítios dispersos do barrocal, zona de transição entre as campinas e a serra. No Inverno fazem carvão que vêm vender à Vila e deslocam-se até ao mar para ceifar a morraça com que adubam as terras.

Trajo de Trabalho

1 — O camponês e o montanheiro colocam na cabeça *chapéu* de pano grosso ou de feltro. No Verão usam chapéu de palha. Os mais velhos nunca abandonam o tradicional *barrete* preto com pequena borla.

O *lenço tabaqueiro* de cor encarnada é colocado ao pescoço quando trabalha nos dias de Verão. No Inverno abafa o pescoço e as orelhas com lenço que coloca debaixo do chapéu.

A *camisa* de riscado de tons claros, tem peitilho da mesma cor, punhos e gola com cós e algibeira superior para o tabaco ou lenço. No Verão coloca a camisa fora das calças que aperta com um nó à frente. No Inverno veste camisa de baeta, camisola e casaco de cotim. A *calça* é larga com fundilhos, de fazenda de surrobeco de cor cinzenta ou castanho escuro e termina com a perna em boca de sino.

No Inverno calça *bota* grosseira, cardada e *meias* de lã ou algodão de cor escura. Têm pequenas barras na parte superior de outra cor que

sobressaem quando coloca nas pernas as *grevas* feitas de tecido grosso ou cabedal apertadas com fivelas. No tempo quente pode andar descalço e com *calções* de alçapão abotoados com dois botões.

Quando vai à morraça ou à ameijoia leva *gabão* de soriano.

Para o transporte de mercadorias, areia e pedra para construção civil havia os *Carreiros*, homens com vários carros de mula que faziam os carregos. Outros faziam os transportes em cima de possantes mulas ou machos e deslocavam-se até ao Alto Alentejo, levando peixe e carvão e traziam trigo e cortiça... Eram os *almocreves*. Uma classe que endinheirou e veio a originar o grande desenvolvimento das fábricas da cortiça no início do séc. XX em certas zonas algarvias. Vestiam no Verão camisa de linho fino, colete e calça de cotim. No Inverno calça e casaco de surrobeco de cor cinzenta ou castanha, camisa de algodão ou baeta. O chapéu de aba larga e redonda. Protegiam o corpo com safões, no Inverno.

O *arreiro* transporta nas cangalhas duas *canastras* com peixe, em cima do cavalo ou mula. com o búzio chama os fregueses

2 – A mulher no serviço agrícola coloca o *lenço* de algodão debaixo do chapéu de homem, atado atrás. No Inverno protege com ele o rosto a ata-o debaixo do queixo.



A *bata* (blusa) é de chita, riscado ou baeta fina, pregueada à frente, manga justa e apertada nos punhos. É de talhe simples e sem enfeites ou decoração. Assertoada com 5,6 botões até ao pescoço, não tem gola e chega aos quadris com pequeno refego na cintura.

A *saia* de algodão escuro, por vezes em xadrez, desce até aos pés, com pequeno folho de viés e é franzida atrás. O *saiote* de baeta (castorina ou casteleta) em cores primárias, com folho ou fitilho nos fundos. A anágua de pano branco de algodão com nervuras ou pequena renda manual nos fundos. O *corpete* e *culotes* são de algodão branco.

O *avental* de algodão escuro é comprido e protege a saia. É liso ou com pequeno folho. Debaixo do avental e por cima da saia leva a *patrona* de algodão ou cotim, onde coloca a chave e o lenço. Nos pés, *sapato* grosso com presilha e cardados ou os *cloques* de sola de madeira forrados de tecido de grossa lã. Quando lava na ribeira está descalça, saia levantada ou com calça de homem e chapéu.

Trajo Domingueiro

1 – O homem ao domingo, dias festivos ou de mercado veste calça, colete e jaqueta. Na cabeça o chapéu fino, de aba larga e copa redonda, debruando a fita acetinada ou gorgorão. Na orelha coloca raminho de mangerico.

A *camisa* de linho fino ou algodão branco, tem peitilho e punho. Habitualmente sem colarinho. Se tem monograma é feito em ponto de cruz com linha encarnada. Nos dias festivos a camisa tem colarinho de pontas voltadas, onde coloca fita preta fazendo laço. Não usa gravata. O rapaz solteiro coloca lenço de seda enrolado ao pescoço.

O *colete* exibe orgulhosamente as cadenas de ouro que prendem o relógio. A *jaqueta* de fazenda de lã ou astracã é ornamentada com canutilhos de latão, de decoração garrida ou a condizer com a cor do tecido, debruada ou não com fita acetinada ou galão. Tem gola de virados, algibeiras lançadas obliquamente, assertoada por 6 botões. A frente da jaqueta tem as pontas bastante pronunciadas e fica acima dos rins. A *cinta* de lã, algodão ou de seda com cadilhos longos é normalmente de cor preta. Depois de 1850 também usavam cinta de cor vermelha ou azul.

A *bota* de vitela fina ou calfe é apertada com botões. As *meias* de algodão, de cinco agulhas, são lisas com uma pequena barra colorida na parte superior.

A *calça* de fazenda preta de lã, apertada nas pernas e à boca de sino. As crianças iam à missa com um *cabeção* de algodão, lã ou seda, profusamente decorado com intermeios, renda mecânica de algodão e nervuras. Outras vezes é todo rendado com pequena gola de tecido. É usado indistintamente pelos dois sexos.

No luto, o homem coloca por cima da camisa branca um peitilho preto com colarinho, atado à cintura por longas fitas. Outros usam peitilho de tecido preto reforçado com papelão que aperta debaixo do colarinho branco da camisa.

Por volta de 1850 os homens da classe média usavam casaco de fina fazenda azul com botões de latão. O colete encarnado, com botões dourados e abotoado até acima. O cachecol e cinta de seda vermelha. No Inverno usava um casaco castanho, forrado de lã verde ou azul, gola muito pregueada, com mangas e capuz, uma espécie de gabão.

2 – A mulher coloca o *lenço* de seda ou algodão na cabeça, de tons claros. O *chapéu fino* é adornado com a tradicional pena de pavão que lhe dá um ambiente de festa. A rapariga solteira nunca coloca chapéu na cabeça quando se desloca à Vila, nem no baile para se distinguir das mulheres casadas.

A *bata* (blusa) de chita com desenhos miúdos, tem nervuras no peito, intermeios e renda; a manga termina com punho apertado. É usada fora da saia formando pequena aba sobre os rins. Nos dias mais festivos a bata é substituída por um casaquinho curto, acima dos rins, com peitilho de seda ou rendado (papo) e ornamentado com galão ou intermeios rendados, e com mangas a condizer com a moda burguesa vinda da Europa.

A *saia* desce até aos pés, onde sobressai a cor castanha e o verde azeitona. Se tem ramagens é com desenhos miúdos. É muito conhecida a saia de flor de alecrim, de cor lilás. Os fundos da saia podem ter pequeno folho ou fita de veludo larga ou barras com fita estreita de cetim. É franzida atrás formando pequeno «tornure». Quando vai na sua montada levanta a saia deixando a descoberto o seu rico saiote ou anágua rendada.

O *saiote*, usado no Inverno, é de lã (castorina ou casteleta), bordado nos fundos com motivos vegetalistas em pé de flor, enfeitado com fitilho preto ou simplesmente com folho em viés do mesmo tecido. Usa as cores primárias: vermelho, amarelo, azul e verde.

Na Primavera usa saiote branco, tecido em tear manual, com desenhos vegetalistas nas barras. No Verão usa rico e elegante saiote branco em renda de crochet.

Anda sempre com *saia branca* ou *anágua* de algodão, decorada com nervuras, intermeios e nos fundos termina com renda. É uma peça rica de grande trabalho e originalidade, o orgulho da camponesa. O *corpete* é de pano de algodão grosso, de cor branca, com nervuras, quase sempre com monograma em ponto de cruz, feito com linha encarnada. Os *culotes* de algodão branco ou baeta, têm enfeites bordados nas pernas ou tecido recortado de outra cor, normalmente cor de rosa ou azul.

Habitualmente não leva *avental* à Missa. Só o usa quando se desloca ao mercado. É comprido e estreito de cor clara, muitas vezes confeccionado em tear manual com pequenas barras de outra cor.

Anda sempre de *xaile* colocado em rectângulo. As casadas e viúvas com xaile preto em sinal de distinção. As solteiras gostam de cores claras e normalmente em xadrez.

A *bota* é de pelica fina, com botões, cano alto. O sapato preto de



fino cabedal e presilha. As *meias* de fino algodão branco, de 5 agulhas, são rendadas com motivos geométricos ou com borbotos ou puxados.

Na mão leva uma *bolsa* de retalhos de tons policromos, feita de restos de tecidos, cosidos com arte e engenho e apertada com fio de algodão. Nos dias festivos a tradicional bolsa de retalhos dá lugar à bolsa de tecido preto bordada com vidrilhos ou lentejolas que aperta com cordão de seda. Também usa bolsa de veludo preto bordada. Numa das faces tem um ramo de flores e na outra o monograma com o seu nome, em tons vivos.

O *mantéu* e o *mantelete* é usado nos dias festivos e no Inverno.

O *mantéu* é uma pequena capa com colarinho e ornamentada com vidrinhos.

O *mantelete* é uma capa pequena ornamentada com rendas, galão estreito, ou cordão de veludo.

A Montanheira usa *mantilha* nos dias de Inverno como as outras mulheres de várias zonas do país.

Nos bailes, a rapariga solteira usa rico *avental* de algodão branco, comprido e pontiagudo, decorado com intermeios e rendas de rara beleza. Dança ainda sem lenço e sem chapéu. A blusa dá lugar à *batiné*, blusa solta, com folho na gola, no peito e nos punhos, ou decorada com renda, em vez do folho, em viés. Coloca o *lenço dos namorados* preso à cintura e na mão leva uma flor para oferecer ao namorado. Na Semana Santa, no luto pesado, veste sempre de preto. No luto aliviado usa bata e saia preta com pintas pequenas de cor branca ou pequenas ramagens. As rendas são de cor preta.

Apesar de andar durante o dia ao sol, quando vai à Vila leva sempre o inseparável guarda-sol aberto.

Por volta de 1850 a mulher camponesa usava saia de chita onde sobressaía o tom azul escuro, forrada nos baixos com tecido de cor encarnada. Cobria os pés, franzida atrás com «*tournure*». Era decorada com larga barra de veludo preto no fundo. Vestia corpete de veludo preto, aberto na frente e com decote pronunciado e manga curta, nos dias festivos. O lenço da cabeça era de chita colorida por baixo do chapéu de homem. A *mantilha*, de 3 pontas, sobre os ombros, cruzada à frente de peito, de cor castanha, guarnecida com fita estreita de veludo verde, cujas pontas desciam até aos joelhos.

Ao pescoço *lenço de seda* preta e colar de ouro. Nos dias festivos usava *casacão* largo de fazenda escura, rica em pregas, longa gola e sem mangas.

Lenços de Namorados

Vai-te lenço venturoso
Levar novas ao meu bem
Pede-lhe com caridade
Que não ame a mais ninguém

O lenço de namorados é um meio de expressão popular do amor. É um sinal exterior de entrega, doação e compromisso recíproco.

O rapaz coloca-o na algibeira superior da sua jaqueta e a rapariga preso à cintura. É um objecto de luxo e só usado nos bailes e dias festivos.

Este lenço é de tecido de algodão branco, bordado a ponto de cruz onde predominam as cores encarnada e azul. O lenço é decorado com cercadura de flores e folhas, com um verso popular ou com o nome do namorado. O centro do lenço pode ter uma pequena cercadura com corações e o resto do lenço é ornamentado com motivos amorosos: o coração, corações interlaçados, a chave, flores, pássaros, apresentando um trabalho com um cunho muito pessoal onde se retrata todo o amor.

As jovens tinham grande dificuldade em bordar estes lencinhos amorosos porque a maioria era analfabeta. Lançavam mão de outras amigas que ajudavam a dispor as letras que depois iriam bordar. Porém, a reprodução aparece sempre cheia de erros e com uma expressão gráfica que denota o dialecto da região.

Onde iam as jovens buscar os desenhos destes lencinhos?

À escola pública e à particular só teve acesso uma pequena minoria da população. Como prova final as alunas faziam o mostruário de ponto de cruz (vulgarmente chamado *MAPA*), isto é, um pequeno pano, normalmente rectangular, tecido aberto para permitir bordar em ponto de cruz, onde a criança bordava o abecedário maiúsculo e minúsculo, os números de 0 a 9. O pano era todo ornamentado com uma cercadura de flores e folhas, com animais, pássaros, corações, chave e pequenos exemplares de cercaduras, cantos bordados, flores, homem e mulher, uma variedade de enfeites e ornamentos que mais tarde serão úteis para bordar a sua roupa de bragal.

Os *MAPAS* completos têm o nome da criança que o fez e a data. Uns apresentam-se feitos com arte e engenho, outros semi-acabados. Os motivos decorativos são praticamente idênticos em todos os *MAPAS*.

Comparando os *MAPAS* e os *Lenços de Namorados* podemos

constatar que os motivos decorativos dos lenços se encontram todos no *MAPA*. A roupa interior, lenços da mão e a roupa da cama aparecem bordados com os mesmos motivos do *MAPA*.

ORLA MARÍTIMA

A costa algarvia apresenta características muito idênticas à orla marítima portuguesa. Aqui e além surgem pequenos pormenores dignos de destaque.

1 — O homem do mar veste *calça* de fazenda grossa, de surrobeco ou mescla, quase sempre de cor cinzenta, castanha ou cor de vinho. A cinzenta pode ser em xadrez largo. Habitualmente anda com as calças arregaçadas até aos joelhos. É bastante larga para facilitar o trabalho e tem quase sempre largos fundilhos de cor preta.

As *ceroulas* são de baeta ou de algodão em xadrez. Anda sempre descalço. No rigor do Inverno pode usar *tairocas* de solas de madeira ou tamancos com presilha de cabedal grosso. As *meias* são de lã branca. Só muito tardiamente apareceu a bota de água de grosso cabedal e sola de madeira.

Na cabeça usa sempre o *barrete redondo* com pequena borla, muitas vezes feito com os restos de lã de várias cores. Posteriormente começou a usar o boné de pano grosso, com pala nas orelhas e que aperta debaixo do queixo.

A *camisa* é de baeta ou algodão em xadrez de cores garridas ou ainda feita de tecido soriano de cor castanha. No Verão veste camisa de algodão escuro (ganga) para a pesca da pescada e apanha do polvo, berbigão e choco. A *camisola* (casaco largo) é de castorina de lã, em xadrez, de tons garridos e com duas algibeiras superiores.

Na pesca costeira veste *jampla* (pequeno blusão cintado) justa à cintura e com duas algibeiras superiores, gola de virados.

No Inverno usa a *rabana*, feita de pano cru impermeabilizada com óleo de linhaça. É comprida até ao meio da perna, tem capuz e é assertoada de alto a baixo com botões espaçados.

Jaqueta de oleado, de talhe simples, desce abaixo da cintura, com manga comprida, sem gola e assertoada com botões até cima e impermeabilizada com óleo de linhaça. Veste-se por cima da roupa e cai por cima do avental ou saia de oleado, para escorrer a água.

Quando apanha berbigão, ameijoas, choco, lula ou vai para o mar, leva sempre o tradicional gabão de *soriano* com capuz e manga comprida, atado com um cordel à cintura.

O homem das salinas que arrasta o sal para a *barucha* ou *barxil* usa jaqueta de oleado, alpercata de pano com sola de esparto. Os mais pobres andam sempre descalços. Veste calça por baixo do joelho, de cotim ou de fazenda com fundilhos de outra cor. No Verão veste calção de alcapão e na mão o inseparável rodo de madeira.

Quando vende o peixe pelas ruas, o homem veste pobremente e leva duas cestas com arco e toca o búzio para chamar o povo.

2 — O homem que demandava as águas frias da Terra Nova para a pesca do bacalhau tem uma indumentária própria para suportar o rigor do frio daquelas paragens.

Veste *ceroulas* e *calceta* de xadrez, *calça* grossa de surrobeco ou mescla. *Camiseta* interior de baeta grossa, *camisola* de castorina em xadrez de cores garridas.

Protege a cabeça e a cara com um pequeno *barrete redondo* de lã com borla, barrete com palitazinha nas orelhas que aperta debaixo do queixo, ou ainda uma touca de lã que enfia na cabeça e que desce abaixo do pescoço apenas com pequena abertura na altura dos olhos e com uma pequena pala para os proteger da chuva. É semelhante ao actual «Passa montanhas».

Por cima coloca ainda o tradicional chapéu de oleado, o *sueste*.

Protege-se do frio, da chuva e da água com a *rabana de capuz*, *saia* ou *aventil de oleado*, *calças de averol*, de peitilho alto e alças cruzadas que apertam com botões. Tudo é feito de pano cru ou tecido de algodão duplo e impermeabilizado com óleo de linhaça.

Nos pés coloca meia grossa de lã branca, de 5 agulhas, *sapatas* de cobertor ou de surrobeco, que se calçam por cima das meias, quando está no beliche. *Bota de água* de grosso cabedal, acima do joelho, e sola de madeira, muito pesadas e rústicas.

Nas mãos veste *luvas*. Para puxar o aparelho calça luvas só com o dedo polegar. São de lã branca muito grossa e largas; para pescar usa luvas de lã fina de variadas cores. Para proteger os dedos quando puxa o *aparelho* coloca na mão as *Nepas* de cabedal.

Usa lenço tabaqueiro vermelho e lenço branco, de formato triangular, de algodão branco, que coloca na cabeça quando tem febre.

Desde que sai de casa até ao regresso, coloca por cima da roupa o *breve*, pequeno relicário oferecido pela namorada ou pela esposa. Contem imagens de santos protectores e nove pedrinhas recolhidas junto à Ermida do Senhor do Livramento. Tem a forma de um coração ou losango. É ornamentado com cordão de seda e tem um pequeno Crucifixo ou Cruz, por fora.

Acompanha-o sempre o *Foquim*, pequeno balde de aros de madeira, com tampa e arco de madeira. O pequeno é para levar o jantar. O maior para colocar os utensílios de pesca (azagaia, isco, fios de pesca, faca de escalar o bacalhau e o búzio para chamar quando se perde com o nevoeiro).

3 — A mulher trabalha muitas vezes ao lado do marido para alimentar o rancho de filhos que estão em casa. Dedicase sobretudo à apanha da ameijoa, berbigão, canivetes, conquilha, mexilhão... e nas salinas.

Para a apanha da ameijoa, berbigão e da morraça a mulher coloca *bata* (blusa) de soriano aberta à frente e asertoada com botões, ou apenas com pequena abertura no peito; bata de chita ou baeta. A *saia* de algodão é levantada na cintura até aos joelhos e cobre o corpo com o tradicional *gabão marítimo*, com capuz e manga comprida. Segura-o com cordel à cintura. Também veste calça debaixo da saia. Na mão leva *faca* e *colher* para apanhar a ameijoa ou a foice pequena para cortar a morraça que vai vender depois ao mercado.

O transporte do sal da *barucha* ou *barxil* para a *serra* é feito essencialmente por mulheres que sofrem horrivelmente por falta de condições. Andam sempre descalças com os pés todos gretados. Nas pernas colocam os *canos*, feitos de lã grossa, outras vezes colocam trapos atados com um cordel fino ou atilhos e ainda meias velhas sem a planta dos pés. A *bata* (blusa) é de chita ou algodão claro. Na cabeça coloca lenço de algodão debaixo do velho chapéu de feltro ou de palha. O lenço tapa a cara cruzado junto à boca e apertado atrás da nuca, para não se queimar com o sal. Por cima do chapéu ou por baixo dele coloca ainda a *chorça*, *chinchá* ou *rodilha de trapos*. Colocada por baixo do chapéu permite à cabeça arejar. Por cima do chapéu o alcofão de esparto com 4 asas. A mulher enche os alcofões com a ajuda dos «*punhos*», isto é, duas pequenas tábuas côncavas.

Nos braços enfia meias velhas a fazer de *luvas* para não queimar as mãos e os braços. A saia é levantada na cintura para permitir movi-

mentos mais rápidos. Protege o corpo da salmoura colocando nas costas um velho xaile cruzado no peito. Algumas mulheres usam ainda um *casaco de oleado*, feito de pano cru, que vestem por cima da roupa e que desce abaixo da cintura.

Nas lides domésticas a mulher marítima veste bata de algodão de padrão escuro, saia comprida de algodão, lenço na cabeça e anda habitualmente descalça.

No Inverno coloca nos pés as tradicionais *chalocas*, *chalotas*, *charotilhas*, *tairocas*, *tarocas*, *tamancas*, feitas de pano grosso e sola de madeira ou esparto. As *galochas* ou *sapatos de ourelo*, são de pano grosso, ornamentadas com pele de coelho no peito do pé. As *meias* são de algodão grosso ou de lã branca.

A viúva veste luto cerrado. Saia e bata preta, sapato de ourelo, lenço preto na cabeça com rebuço (muito puxado à frente) apertado debaixo do queixo, xaile preto em ponta ou em bico a fazer bioco ou rebuço, tapando o rosto, por cima do lenço da cabeça.

A *capa*, *manto* ou *capote* é usado no Inverno e dias festivos. É comprido, de largo cabeção, gola de veludo e sem mangas. É feito de tecido de lã preta ou castanha ou de baetão escuro. Na cabeça, *lenço branco*, bem engomado.

A mulher de Olhão usa *bioco* com o xaile ou o cabeção do capote enrolado na cabeça fazendo uma tromba de elefante. Em Portimão o rebuço era feito com o lenço em coca, muito puxado para a frente, e com a mão fechava o lenço, ocultando o rosto. Posteriormente o cabeção do capote foi colocado por cima da cabeça com a ajuda de um papelão grosso, formando rebuço. O bioco é uma reminiscência árabe que proliferou entre nós a partir do séc. XV, usado pelos dois sexos. No séc. XVII as mulheres abandonaram-no. No séc. XIX voltou a ser moda em vários pontos do país. Foi proibido no Algarve em 1892. As alcoviteiras de Olhão e gente de baixa condição social conservaram vivo o capote com bioco até ao fim do primeiro quartel do séc. XX, no Algarve.

4 — Aos domingos o marítimo veste calça grossa de surrobeco e camisola de castorina. Participa nos jogos tradicionais e vai para a taberna gastar o que os filhos deviam comer. Usa sempre o seu barrete redondo, de lã. Nos dias festivos veste de acordo com a moda.

A mulher veste ao domingo com mais cuidado. A saia de merino de algodão ou de lã, bata de chita, xaile preto de merino com frok

(cadihos), sapato com cunha e meia de algodão. A solteira usa xaile de cor, em bico, de modo triangular.

No casamento segue de perto a moda burguesa. No domingo a seguir ao casamento vai à igreja com outro fato tirar o noivado. Ele vai de jaqueta e ela leva xaile de seda de cor clara, colocado aos ombros, formando uma pequena gola no peito. A partir deste dia são considerados casados.

VILA ADENTRO

O traje burguês ou citadino segue o figurino de Lisboa.

Na vila adentro temos o traje festivo, de passeio, de visita e o traje de luto.



Na época romântica (1850) surgem as saias com grande largura e o corpo muito justo terminado em bico, com decote nos ombros. Os xailes, capas, lenços, leques, luvas, bolsas, sombrinhas, completam os acessórios do vestuário.

No fim de século, nasceu a moda da saia franzida atrás, com «tournure». O espartilho deu uma nova silhueta ao busto da mulher. As rendas, intermeios ou galões proliferam na decoração.

Não nos preocupa a descrição deste traje burguês, mas a sua profunda influência no traje popular no Algarve.

A camponesa algarvia veste bata (nos dias festivos) decorada com rendas e intermeios, de sabor burguês. O seu casaquinho festivo, de peitilho rendado, decorado com rendas nas mangas, punhos e gola, segue muito de perto a mulher da cidade.

A saia, mesmo de trabalho, tem um franzido atrás mais comprido, faz uma pequena cauda, a imitar a «tournure» burguesa.

A capa do homem e da mulher surge decorada na frente, no cabeção, ao sabor da moda citadina. O uso do xaile mesmo no Verão é uma imitação da burguesia. Toda a roupa interior da mulher do campo é decorada com folhos, rendas, intermeios e nervuras, ao bom gosto burguês da época.

Até as crianças do campo vão à Missa com o seu cabeção rendado, como as crianças da cidade.

O homem, nos dias festivos, segue o ritual burguês da época. No Algarve, talvez como em nenhuma outra zona do país, se sentiu tão profundamente a influência da burguesia no traje popular. O algarvio sempre gostou de bem vestir. O povo diz: «Quem no dia de Ano Bom não estria, todo o ano pia.»